

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, LIT. L.

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

O IMOBILISADO



PORTUGAL, O BOM VELHOTE:

— A puxar cada qual para seu lado, como diabo querem que eu caminhe?!



PALESTRA AMENA

A pena e o cofre

Ha cincoenta anos que D. Maria Amalia Vaz de Carvalho escreve para o publico e sempre o fez com honestidade, recreando ou educando, ou antes, educando constantemente, porque o recreio é uma especie de educação. E por que levou cincoenta anos n'essa ingrata faina, obteve agora uma pena de ouro e um cofre do mesmo metal, sessões publicas de homenagem, não falando nas referencias que lhe fizemos no *Seculo Comico*, em prosa e verso.

Tudo isto é muito e é pouco. E' muito, no nosso paiz, onde em geral ninguem se importa que uma pessoa se móa a trabalhar durante meio seculo; é pouco, porque, o que parece de mais valioso, a pena e o cofre, se revelam boa vontade e representam um sacrificio da bolsa, nos tempos bicudos que vão correndo, denotam uma certa pobreza imaginativa ou, se assim não é, um esforço cerebral minimo.

A' mais innocente das crianças ocorreria a idéa de dar a um escritor uma pena; dá-se em qualquer aniversario de qualquer plumitivo que tenha rabiscado qualquer parvoice. Quanto ao cofre aparece como complemento natural da pena: a pena é simbolica, não pratica, não para escrever, logo não deve estar no suporte habitual, ao lado do tinteiro. E' necessario guarda-la: onde? certamente não no guarda-vestidos, na gaveta da mesa de cabeceira ou nas prateleiras da despensa. Por consequencia, n'um cofre—é evidente.

Demonstra este facto que não houvesse a intenção de presentear a illustre artista com oferta condigna da sua obra? Não, decerto; demonstra simplesmente o que acabamos de dizer, inclinando-nos para a preguiça de procurar, para a facilidade do menor esforço.

Dizem-nos que uma senhora, que foi grande amiga de artistas, presenteou D. Maria Amalia com um rico e confortavel «chalet», não lhe tendo passado pela cabeça a idéa da pena e do cofre; essa, sim, que pensou profundamente e que encontrou o modo de retribuir o que muito devia — o que toda a gente deve — ao trabalho da escritora. Deu-lhe uma obra de arte que ela pode gosar a todo o momento, e deixar ás pessoas que estima, as quaes, evidentemente, não se contentarão sómente em contemplar o «chalet» como saudosos titulos de gloria para a familia, o que acontecerá perante a pena e o cofre...

N'este ponto da palestra a comissão das festas de homenagem julgar-nos-ha duramente, chamar-nos-ha nomes feios e perguntará qual seria o nosso alvitre se tivéssemos a honra de pertencer á mesma comissão. Pois bem: não bate á porta de pessoa desprevenida, porque, ao contrario dos que não se quiseram fatigar na procura, nós ha mezes que nos fartamos de encarar o

problema sob todos os seus aspétoes, estudando-o afincadamente. E chegámos, finalmente, a uma solução, que não queremos occultar por mais tempo, embora a oportunidade tenha passado: nós, se fossemos chamados a capitulo e nos perguntassem o que devia oferecer-se á notavel escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho pelas suas bodas de ouro literarias, responderíamos sem hesitar:

— Uma pena de ouro e um cofre!

J. Neutral.

Errata

Na 1.^a pagina do *Seculo Comico* aqui presente, soberbo desenho traduzindo uma idéa luminosissima, qual a de mostrar que Portugal não anda porque cada partido puxa para seu lado, em lugar de todos puxarem



por ele a direito, o desenhador esqueceu-se de representar o unionismo.

Faz aqui a competente errata, para que se não julgue que ele quiz excéltuar alguém. Todos teem feito o que teem podido, graças ás cabaças, até os que pretendem puxar para deante...

As corôas



E' praxe quando morre uma pessoa, No caixão que lhe serve de transporte Manifestar-se a pena pela morte Por meio de uma esplendida corôa.

D'esse modo é que, em regra, se apregôa O amor de quem ficou, chorando a sorte, Do pai, do irmão, do primo, do consorte, Fosse e a em vida má, ou fosse boa.

Vi a que tu ha pouco a teu marido Pobre morto!—ofertaste; era elegante, Distinta, d'um decréto colorido,

De onde inferi, por dedução flagrante, Que decerto a não tinhas escolhido... Reconhect a mão do teu amante.

Torre de chifre

Aí vae uma beleza de hortaliça cuja publicação nos pedem com muito empenho:

Tempestades do coração

Autora das minhas lagrimas nescentes Como és cruel! como és crue! Acaso teu coração será feito de fel Ou de outros venenos diferentes?

Porque o meu rival me preferes Porque é que ele te enfeitica Oh! não! não ha no mundo justiça, Nem corações como os das mulheres!

Já viste perto a sepultura A parca a chamar por mim; Que te fique o remorso, oh! sim! De teres feito a minha desventura!

J. S. LINO.

Justiça

De ha muito que o *Seculo* anda a clamar, qual voz no deserto, contra o modo como a justiça é administrada na nossa terra, onde os criminosos se riem dos tribunaes, contando antecipadamente com a iniquidade. Parece contudo, que os clamores d'esta vez vão ser ouvidos, com o que muito nos



congratulamos, não sem chamarmos a atenção dos reformadores para um caso veridico e merecedor d'uma excéção á nova lei, se ela fôr tão rigorosa como se supõe.

Em certa vila da Extremadura a prisão era n'um edificio infeto, triste, humido e pouco higienico.

Um dia, os presos resolveram pedir que os mandassem para casa melhor, em condições sanitarias mais aceitaveis e então praticaram o seguinte, com a maior das simplicidades: abriram as portas da prisão, saíram e dirigiram-se a casa do delegado, a quem usaram as suas queixas. Este prometeu interessar-se pela mudança e então os homens, satisfeitos, regressaram á velha prisão, onde esperaram pacientemente o cumprimento da promessa.

E cumpriu-se, achando-se agora os presos confortavelmente instalados, n'uma das melhores praças da povoação, que, por sinal, é Vila Nova de Ourem. E' para esses honrados cidadãos que solicitamos a benevolencia do legislador.

**Camêlos e ursos**

Já todos sabem que deu á luz uma robusta criança do sexo feminino a senhora do a camêla do Jardim Zoologico, e que, simultaneamente, uma das ursos do mesmo estabelecimento deu tambem á luz, não se sabendo por ora quantas crianças, visto que a mãe arreganha os dentes a quem pretende aproximar-se e oculta cuidadosamente a prole.

Registamos o caso, primeiro porque não é vulgar—hão de convir que não nascem camêlos e ursos por aí, a cada passo—e porque a infancia nos mereceu sempre a maior atenção, visto que ela ha de constituir a sociedade futura. De pequenino é que se troce o pepino, e de não se cumprir este preceito é que muitas vezes adveem calamidades irremediaveis; se teem torcido á nascença, alguns dos nossos homens publicos de hoje, talvez as coisas não estivessem no pé em que estão.

Ora pois, desde já nos insurgimos contra o que se está praticando com o camêlo recém-nascido, o qual, ao que dizem os jornais, por falta de leite



da mãe está sendo amamentado a leite de vaca. Já se viu maior descôco! Quer dizer: estão metendo no sangue do pequeno nada menos do que sangue de touro, de modo que o mais provavel é um animal tão inofensivo como o camêlo vir a ter instintos de fera, marrando--pelo menos!

Aí fica o protesto contra a barbaridade em perspectiva, sem explicação n'um tempo em que a tendencia já é para a ferocidade, mesmo em quem não mama leite de procedencia taurina. Pois não podiam dar-lhe, por exemplo, leite de ovelha ou de burra?

Quanto aos ursos parece que são amamentados pela mãe; em todo o caso, se fôr necessario, vejam lá agora se lhes dão leite de pantera!

Livros, Livrinhos e Livrecos

Junia, versos de: Jaime Camara, com musica de Cesar Santos.—Conta o poeta madeirense Jaime Camara as desditas de Tullius, heroe romano, apaixonado pela patricia Junia, noiva do joven Appius. Cesar ordena a Junia que despose o guerreiro Tullius, o qual trespassa Appius com seu gladio, o que determina em Junia um acesso de loucura.

E' um trecho bem ritmado, excerpto

EM FOCO**A atriz Pepita de Abreu**

*E' minha opinião, dona Pepita,
Que não deixas de ter engenho e arte
Em coisas teatraes; por outra parte
Tens muita mocidade e és bem bonita.*

*Ora, quem de tal modo se acredita
E', por assim dizer, um ente áparte;
Não precisas que estejam a gabar-te,
Nem vaes, tenho a certeza, n'essa fita.*

*Assim, pois, se te louvo, não pareça
Que tenha qualquer ponto reservado,
Ou projetos d'amôr n'esta cabeça.*

*E' por dar-te um conselho: tem cuidado,
Ama, Pepita, só quem te mereça,
Como este teu humilimo criado...*

BELMIRO.

de tragedia que o autor deve completar, porque tem folego para isso.

Brisas do Occidente, de João Camilo Felix Correia.—E' uma colêção de versos—sonetos, na maioria—ainda não impressos e que o autor nos remete com amabilidade, provavelmente para saber a nossa autorisadissima opinião. Não é ela desanimadora, fique sabendo o poeta; e se o não proclamamos imediatamente vencedor completo é porque ele escolheu uma forma de poesia de grande dificuldade: um soneto perfeito é tão raro...

Não nos chega o espaço para transcrições, mas por especial deferencia aí vai uma quadra que justifica o nosso benevolô parecer:

Perdi-me a contempla-la, a minha mente
N'uma clara visão tudo abrangia:
As gentes de quem ela descendia
E as virtudes sem par d'aque.a gente!

Bôa piada

Ali adiante, na **Salão Foz**, representa-se uma revistinha intitulada **E' agora!** e que se ouve com certo agrado.

—Temos reclamo, hein? pergunta o leitor desconfiado.

Não, senhor: não temos as minimas relações com a empreza ou autores. Citamo-la porque achámos muito bôa uma das suas piadas, resolvendo transmiti-la ao publico pela imprensa periodica, como é de nosso dever.

Dialogo a respeito da carestia das subsistências:

—E' o diabo para os pobres.

—E para os ricos.

—Ora os ricos não sofrem nada.

—Qual não sofrem! Olha: o Monteiro Milhões ofereceu ha pouco um jantar. Pois fica sabendo que um dos pratos consistia n'uma batata com muitas galinhas em roda...

Correspondencia

Mosquito — A sua fabula, posto que de assunto exploradissimo, não está nada má. Sabe porque a não publicamos? Porque nos diz na carta que a acompanha: «Desejando oferecer uma carapuça a um sujeito que me dá a honra de ser meu inimigo...»

O **Seculo Comico** não serve para essas coisas.

DE FÓRA**A festa da Boneca**

Fui á festa da Boneca, ver essa «trapologia». Quem por curioso pecca assim gasta e passa o dia.

Vi lá bonecas garridas e constatei, por sinal, que ha outras mais mal vestidas nas ruas da capital.

O grupo das bonequitas (esta não lembra a nenhum) fez da Casa dos Artistas barraca de pim-pam-pum.

De or'avante, a portugueza, desmentindo o que se diz, já não manda, com certeza, vir os «bébés» de Paris.

Lá vi em miniatura grandes figuras de outr'ora. A sua caricatura são as figuras de agora.

As bonecas com seus modos, dizem alto aos circunstantes: —Bonecos somos nós todos n'este paiz de feirantes.

Bramão de Almeida.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.^a Parte

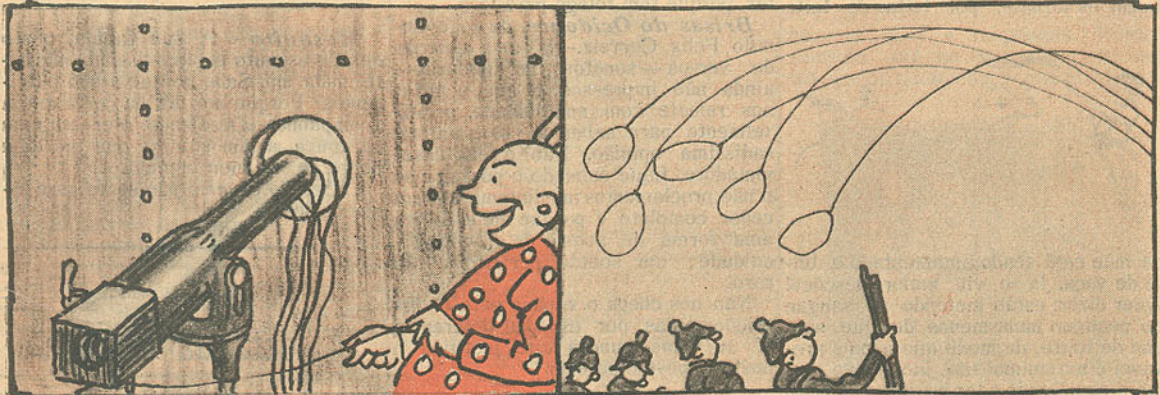
A MACACARIA

3.^o Episodio

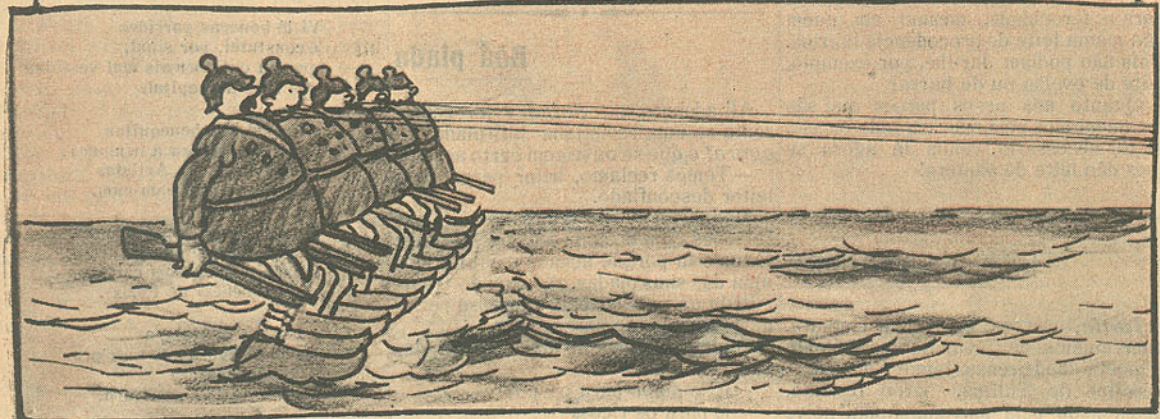
(Continuação)



1.—Havendo os *boches* inventado os celebres sapatos marítimos, cujo modelo se vê acima (A, tubo de descarga, C, helice, D, quilha), um corpo de policia *boche* é encarregado de ir, por mar, prender o Manecas.



2.—Este, porém, carrega a bordo do submarino os canhões com a espantosa metralha que acaba de inventar e que produz o efeito que se vê na gravura presente.



3.—Resultado : os *boches* vão a reboque do submarino, mais uma vez batidos pelo engenho do Manecas, o menino mais prodigioso dos tempos modernos.

(Continua).